
CONVIVÊNCIAS

Curt Meyer-Clason

“Traduzir é conviver” foi uma das primeiras frases que João Guimarães Rosa pronunciou quando nós nos encontramos pela primeira vez, no ano de 1962, em Munique.

Tinha chegado da Alemanha, como gringo, garoto; tinha vivido 17 anos no Brasil, em várias ocupações comerciais; tinha, finalmente, voltado para a minha terra, em 1954, para mudar de vida e tornar-me escritor. Para este fim parecia-me o melhor caminho ser o do tradutor daquela língua cujas gírias havia escolhido nas ruas de São Paulo, do Rio, de Porto Alegre. Em Munique, para matar as saudades do Brasil, freqüentava as reuniões do Consulado, e, num certo jantar, perguntei ao cônsul o que havia de novo na literatura brasileira. Respondeu Frank Mesquita Teixeira: “Um certo Guimarães Rosa, aliás, colega meu, eu não o li, dizem que é literatura difícil, bicuda. Escreva a ele por minha recomendação.”

João Guimarães Rosa, poliglota, havia servido como vice-cônsul em Hamburgo e esperava que a língua alemã, em oposição à francesa da qual ele lastimava ‘o vício da sintaxe’, conseguisse recriar melhor a fala do sertão, tão enraizada, tão polivalente e neológica, tão mística, transcendental e metafísica.

Deu-se o milagre. Minha “convivência” com as coisas do Brasil, o mar, a cidade, o povoado, a fala multifacetada da gente, o clima tropical, o andar musical das mulheres, o samba, o riso, a alegria de viver, o eterno diálogo - tudo isto, e a simpatia de um escritor que esperava da minha língua o máximo da equivalência idiomática no processo da recriação dos seus textos, mas antes de tudo sua permanente presença através da nossa correspondência - trocamos entre 1959 e 1967 oitenta cartas - resultou, para minha surpresa, em versões que encontraram o aplauso do autor.

Seria o tema de um seminário universitário tratar os múltiplos problemas da transposição da prosa poética roseana para a minha língua. Rosa fez questão de responder com diligência amorosa às minhas listas de dúvidas e perguntas que - conforme combinação mútua - mandei ao seu endereço do Itamarati. Nunca na minha vida experimentei a sensação da identificação apaixonada de um autor com a índole de uma língua que não era a sua. Tanto que às vezes considerava uma ou outra versão minha superior, em significância idiomática, a sua. Noutras ocasiões, ofereceu várias modalidades para versões minhas cuja tonalidade não correspondia a sua

expectativa. Posso até afirmar que a convivência com o mundo roseano - tradução de mais ou menos 2200 páginas: *Grande Sertão: Veredas, Corpo de Baile, Sagarana, Primeiras Estórias, Meu tio o Juaretê, Tutaméia* - exerceu tamanho encantamento sobre minha psiquê que, como escritor alemão, troquei o racionalismo das nossas latitudes, a nossa causalidade, pelo sentir-pensar, pela coordenação do sertanejo JGR, para meu proveito...

Para mostrar, num exemplo modesto, as possibilidades de tradução da prosa roseana para o alemão, poderíamos escolher um trecho qualquer de *Primeiras Estórias* que, na versão alemã, deviam revestir-se com o título de um dos seus contos prediletos: "A Terceira Margem do Rio" – "Das dritte Ufer des Flußes". Pois o estilo de Rosa, desde *Grande Sertão*, tinha se interiorizado; a viagem se aprofundado, como sugere o fim do conto mencionado: "... nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio." – "... in jenes weitufrige Wasser, das nicht anhält: und inch, flußabwärts, flußfortwärts, flußauswärts – den Fluß."

Ouçamos, pois, o fim de "os cimos", a fim de que o leitor bilíngüe possa obter uma idéia das possibilidades de equivalência idiomática, das vitórias e derrotas deste ofício que vive sem garantias de um sucesso lingüístico e tem que confiar na sorte do momento de invenção, da intuição, da dádiva de congruências que vivem além da sua competência artesanal.

O desmedido momento

E, com pouco, o Menino espiava, da janelinha, as nuvens de branco esgarçamento, o veloz nada. Entretempo, se atrasava numa saudade, fiel às coisas de lá. Do tucano e do amanhecer, mas também de tudo, naqueles dias tão piores: a casa, a gente, a mata, o jeep, a poeira, as ofegantes noites – o que se afinava, agora, no quase-azul de seu imaginar. A vida, mesmo, nunca parava. O Tio, com outra gravata, que não era tão bonita, com pressa de chegar olhava no relógio. Entrepensava o Menino, já quase na fronteira soprada. Súbita seriedade fazia-lhe a carinha mais comprida.

Der ma ßlose Augenblick

Bald darauf spähte der kleine Junge durchs Fenster auf das zerrissene Weiß der Wolken, das rasche Nichts. Dazwischen blieb er in einer Sehnsucht hängen, treu den Dingen von dort. Dem Tukan und der Morgenbelle, aber auch allem anderen in jenen schlimmsten Tagen: dem Haus, den Leuten, dem Wald, dem Jeep, dem Staub, den beklemmenden Nächten – nun wurde all das vollendet im Fastblau seiner Fantasie. Wirklich, das Leben blieb nie stehen. Der Onkel mit einer anderen, nicht so schönen Krawatte hatte es eilig mit dem Heimkommen und schaute auf die Uhr. Der kleine Junge, schon fast an der Schlafgrenze,

E, quase num pulo, agonizou-se: o bonequinho macaquinho não estava mais em seu bolso! Não é que perdera o macaquinho companheiro!... Como fôra aquilo possível? Logo as lágrimas lhe saltavam.

Mas, então, o moço ajudante veio trazer-lhe, de consolo, uma coisa: – “Espia, o que foi que eu achei, para Você.” – e era, desamarrotado, o chapuzinho vermelho, de alta pluma, que ele, outro dia, tanto tinha jogado fora!

O Menino não pôde mais atormentar-se de chorar. Só o rumor e o estar no avião o atontavam. Segurou o chapuzinho sozinho, alisou-o, o pôs no bolso. Não, o companheiro Macaquinho não estava perdido, no sem-fundo escuro no mundo, nem nunca. Decerto, ele só passeava lá, porventura e porvindouro, na outra-parte, aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.

E era o inesquecível de repente, de que podia traspasar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse

• sinnierte noch dahin. Ein
• plötzlicher Ernst zog sei Gesicht
• in die Länge.

• Fast sprunghaft zog er sich
• schmerzhaft zusammen: Das
• Affenpüppchen war nicht mehr
• in seiner Tasche! Er hatte seinen
• Spielkameraden, Äffchen, doch
• nicht verloren...! Wie war das
• nur möglich? Tränen sprangen
• aus seinen Augen.

• Doch nun brachte der junge
• Gehilfe des Piloten ihm etwas
• zum Trost: “Schau, was ich für
• dich gefunden habe.” Es war,
• nicht mehr kraus, das rote
• Hütchen mit der großen Feder,
• das er vor Tagen einfach
• fortgeworfen hatte!

• Der kleine Junge konnte sich
• nicht mehr quälen und weinen.
• Nur der Lärm und der
• Aufenthalt im Flugzeug machten
• ihn benommen. Er ergriff das
• einsame Hütchen, hätschelte es
• und steckte es in die Tasche.
• Nein, der kleine Gefährte, das
• Äffchen, war nicht verloren im
• bodenlosen Dunkel der Welt, nie
• und niemmer. Sicherlich ging es
• dort spazieren, zufällig und
• zukünftig, im anderen Teil, wo
• die Menschen und die Dinge stets
• gingen und kamen. Der kleine
• Junge lächelte, worüber er
• lächelte, so wie er sich mit
• einemal fühlte: über das
• unverge(liche Chaos hinaus, wie
• wenn ein Nebelfleck zerfließt.

• Es war das ungeverge(sliche
• Plötzlich, das einen durchstieß,
• und die darin beschlossene Ruhe.
• Es dauert kaum ein Nichts, wie
• der verschwimmende blaue
• Dunst und was im Menschen
• keinen Platz findet: Landschaft
• und alles, was den Rahmen

com a Mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde – no alpendre do terreirinho das altas árvores... e no jeep aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao vôo, ainda muito mais vivo, entoante e existente – parado que não se acabava – do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo.

– “Chegamos, afinal!” – o Tio falou.

– “Ah, não. Ainda não...” – respondeu o Menino.

Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida.

• sprengt. Als wäre er bei der Mutter,
• der gesunden, geretteten,
• fröhlichen, bei allen, und
• seinem Äffchen mit einer
• hübschen grünen Krawatte –
• unter dem Vorbau auf dem
• kleinen Platz mit den hohen
• Bäumen... und der Jeep mit
• seinem guten Geschüttel... und
• überball... im selben einzigen
• Augenblick... der erste Punkt des
• Tages... wo sie erlebten in einer
• Zeit über der Zeit, wie die Sonne
• von neuem aufging, und sie den
• Flug sahen, noch viel lebendiger,
• noch stummschallender und
• seiender – in einem nicht
• endenden Stillstehen – des Tukans,
• der in der vergoldeten Krone
• Früchte mauste, in den hohen
• Tälern der Morgenröte, ganz
• nabe am Haus. Nur das. Nur alles.

• “Wir sind da, endlich!” sagte
• der Onkel.

• “Ach nein. Noch nicht...”,
• antwortete der kleine Junge.

• Er lächelte verschlossen:
• Lächeln und Rätsel, seine.

• Denn es war das Leben.

O Brasil é terra de poetas. E como citei o meu mestre da prosa épica, cumpre-me mencionar um poeta a quem devo uma lição importante no plano da poesia: João Cabral de Melo Neto.

Travei conhecimento com ele por carta; mais tarde, quando traduzi *O Trípitico do Capibaribe*, visitei-o nos seus postos diplomáticos de Barcelona e de Berna, e aprendi em demoradas conversas os postulados da sua poética: a métrica severa, a não-musicalidade, a preferência da rima assonântica antes da rima consonântica, a reserva emocional, enfim, a contenção extrema, a densidade física, a fisionômica em vez da psicologia. Programa que o poeta resume no seu “Escrito com o corpo”:

Apenas um corpo completo
em sem dividir-se em análise
será capaz do corpo a corpo

• Nur ein vollständiger und nicht
• analytisch zerlegter Körper
• ist fähig des “Körpers am Körper”;

necessário a quem, sem desfalque,
queira prender todos os temas
que pode haver no corpo frase:
que ela, ainda sem se decompor,
revela então, em intensidade.

• will er ohne Unterschlagung
• alle Themen begreifen,
• die ihr Körper-Satz enthält:
• die er, noch unzersetzt,
• eindringlich offenbart.

Ouçamos, para conhecer a poética do autor de *Educação pela Pedra*, um poeta da terra onde o poeta passou seus primeiros anos de aprendizagem profissional: na paisagem do Capibaribe, país da cana-de-açúcar:

O vento no canavial

Não se vê no canavial
nenhuma planta com nome,
nenhuma planta maria,
planta com nome de homem.

É anônimo o canavial,
sem feições, como a campina;
é como um mar sem navios,
papel em branco de escrita.

É como um grande lençol
sem obras e sem bainha;
penugem de moça ao sol,
roupa lavada estendida.

Contudo há no canavial
oculta fisionomia:
como em pulso de relógio
há possível melodia,

ou como de um avião
a paisagem se organiza,
ou há finos desenhos nas
pedras da praça vazia.

Se venta no canavial
estendido sob o sol
seu tecido inanimado
faz-se sensível lençol,

se muda em bandeira viva,
de cor verde sobre verde,
com estrelas verdes que
no verde nascem, se perdem.

Wind im Zuckerrobrfeld

• Man sieht im Zuckerrobrfeld
• keine einzige Pflanze mit Namen,
• keine Pflanze Maria,
• Pflanze mit Menschennamen.

• Das Zuckerrobrfeld ist namenlos,
• es ist wie ein Meer ohne Schiff,
• gesichtslos wie die Steppe,
• wie ein Bogen Papier ohne Schrift.

• Es ist wie ein großes Laken
• ohne Falten und ohne Saum,
• Wäsche auf der Bleiche,
• besonnter Mädchenflaum.

• Und doch hat das Zuckerrobrfeld
• eine verborgene Physiognomie:
• so wie der Pulsschlag der Uhr
• eine mögliche Melodie

• oder wie vom Flugzeug aus
• die Landschaft sich selber gliedert
• oder eine zarte Zeichnung
• das Pflaster eines Platzes durchzieht.

• Es regt sich im Zuckerrobrfeld
• unter der Sonne gebreitet,
• sein unbelebtes Gewebe
• sich zum greifbaren Laken weitet,

• sich wandelt zur lebenden Fahne
• wo Grün über Grünes weht
• mit grünen Sternen die
• im Grünen kommen und geben.

*Não lembra o canavial
então, as praças vazias:
não tem, como têm as pedras,
disciplina de milícias.*

*É solta sua simetria:
como a das ondas na areia
ou as ondas da multidão
lutando na praça cheia.*

*Então, é da praça cheia
que o canavial é a imagem:
vêm-se as mesmas correntes
que se fazem e desfazem,*

*voragens que se desatam,
redemoinhos iguais,
estrelas iguais àquelas
que o povo na praça faz.*

*Nicht weist dann das Zuckerrobrfeld
mehr auf leere Plätze hin:
es hat nicht wie die Steine
soldatische Disziplin.*

*Sein Gleichmaß ist gelöst
wie das der Wellen im Sand
oder die Wellen der Menge
die auf dem Platz wogt bis zum Rand.*

*Der volle Platz ist also
Abbild des Zuckerrobrfelds:
man erkennt das gleiche Strömen
das aufkommt und das vergeht,*

*Wirbel der sich entfesseld,
Strudel der sich erfindet,
Sterne genau wie jene
die das Volk auf dem Platze bildet.*

Para terminar, voltemos ao mundo sertanejo de João Guimarães Rosa. Lemos, como legado pessoal, dirigido ao seu tradutor e amigo alemão, sua última carta de 27 de agosto de 1967, três meses antes da sua morte:

Meu caro Meyer-Clason,

Estou recebendo sua boa carta do dia 21. Obrigado.

Sobre a THESE que expõe: Esplêndidas palavras: Tudo certo, exato, e finamente expressado, fiel ao que é ou que pelo menos quer ser o meu ponto-de-sentir, conforme luto por realizá-lo em meus livros e escritos. CONCORDO, PLENAMENTE. E, gratamente, com sua segura interpretação! (...) A língua, para mim, é instrumento: fino, hábil, agudo, abarcável, penetrável, sempre perfectível etc. Mas sempre a serviço do homem e de Deus, do homem de Deus, da Transcendência. Exatamente como o Amigo entendeu, sentiu e compreendeu. Estamos juntos, nós dois. (...) "Coraçãomente" ficou mais concreto, direto, quente e imediato que "cordialmente" - isto em português, porque, quando usamos "cordialmente", nem se recorda mais o radical latino; hoje, "cordialmente" é termo de

emprego banal, superficial, convencional. Naturalmente, em alemão (“Herzlich”) a coisa é diferente, não sei. Mas talvez possa ser reforçado: mitherzlich? herzberrlich? Herzherzlich? Herzundherzlich? Herzweislich? Teremos de achar algo de impacto maior, os corações aparecendo descobertos e vermelhos, quase anatomicamente, como os Sagrados Corações de Cristo e da Virgem. Como escreveu uma vez Jean-Louis Barrault: O coração, acima do corpo e mesmo do espírito: la chair de l’esprit”... – (ele disse isto, só não sei se direitinbo assim, estou citando de cor).

Bem, corro. Desde já, agradeço a SEPARATA. E tudo.

Abraço forte do seu

Guimarães Rosa.